



**LETRAMENTO
RACIAL
LIVRO ACESSÍVEL 3**



Tópico 3 - Por uma outra história sobre a nossa história

3.1 Heranças das culturas negra e indígena na constituição do Brasil

3.2 Dicas para uma educação antirracista



Minha cor não é de luto

A minha cor não é de luto
ela não é a cor da morte
a minha cor é a da vida
[...]
a minha não é a cor do pesar
não é a cor do penar
muito menos da maldade
é o sol que acorda no peito
é som que acolhe nas bordas
é de verdade
[...]
é herança de ancestral
é noite no corpo e sinal
espelho da fraternidade.

BARBOSA, Márcio, Cadernos Negros, São Paulo, Quilomhoje, p. 106

Existe um provérbio africano que afirma “Até que os leões tenham suas histórias, os contos de caça glorificarão sempre o caçador.” Durante muito tempo, a história dos indígenas e dos negros foi contada sob uma perspectiva eurocêntrica, destacando predominantemente aspectos negativos e as adversidades enfrentadas por esses povos. Isso resultou em uma narrativa que muitas vezes só provoca sentimentos de aversão. Como podemos então cultivar o orgulho étnico, o senso de pertencimento e a curiosidade pela ancestralidade entre nossos estudantes quando as histórias apresentadas sobre suas origens só despertam a ojeriza, a vergonha e a humilhação? É imperativo que recontemos essas histórias e celebremos esses povos.

Neste tópico, vamos explorar as ricas heranças culturais dos negros e dos povos originários e discutir maneiras de promover uma educação antirracista.



Heranças das culturas negra e indígena na constituição do Brasil

Sugerimos a você que ouça a música “Pé na África”, do cantor Bukassa Munanga, filho do antropólogo Kabengele Munanga.

Ator, coreógrafo e cantor nascido na Bélgica, viveu no Congo até os dez anos, quando ele e seu pai vieram para o Brasil. Bukassa foi membro da banda de soul/funk Skowa e a Máfia e em 2000 gravou o disco solo Quero Viver. Em 2000, com trabalho solo e autoral, lançou seu primeiro CD, Quero Viver, produzido pela cantora Jane Duboc. Em 2005, alcançou a Europa com seu segundo CD, Mutoto, mistura de Brasil e África, do produtor musical Daniel Vangarde, vendendo 200 mil cópias na França. Motivação que levou o artista a fazer um mix de toda sua experiência na música negra nacional e mundial, resultando em seu emocionante e dançante trabalho autoral de música africana brasileira, cantos em swahili e chiluba (línguas africanas) e português. Para dar vazão a essa expressão e segmento, Bukassa montou a banda Mutoto, com a qual divulga o seu show Pé na África, onde, desde que iniciou esse gênero em 2005, já é reconhecido como grande referência da nova safra no Pop Afro Brasileiro. Link: <https://youtu.be/RicLw50xJn0>

Apesar de ter provocado estragos inestimáveis, as teorias racistas e todas as ações discriminatórias praticadas ao longo dos séculos não foram capazes de apagar as heranças culturais africanas e indígenas. No entanto, em virtude desse processo, diversos legados indígenas e africanos não são nem sequer imaginados por grande parte da população.

Dessa forma, ressaltamos neste módulo a diversidade cultural afro-brasileira, com o intuito de conhecer um pouco mais sobre a história das culturas negras e indígenas e estimular o sentimento de orgulho por nossas raízes culturais. As heranças vão muito além do samba e da capoeira, elementos normalmente já reconhecidos, é preciso enfatizar isso. Elas estão presentes em diversas esferas como na arte, na música, na dança, na gastronomia, nos estudos técnicos e científicos, entre outros.

Cabe às instituições de ensino evidenciar as epistemologias que resistiram e resistem às violentas formas de controle e dominação, apresentar alternativas de pesquisas, estudos e culturas que ultrapassem as barreiras do monopólio europeu das ciências, reconhecendo a pluralidade na produção de saberes, tal como são plurais as experiências sociais e culturais mundo afora, e mais especificamente aqui, aquelas referentes aos indígenas, africanos e afro-brasileiros.

Podemos refletir sobre a prática aviltante de abordar a história afro-brasileira pelo viés eurocêntrico ao fazer uma leitura do livro *A cor da ternura*, de Geni Guimarães. A obra, de caráter autobiográfico, vem ao encontro da pretensão da autora de “conscientizar e alertar”. Ajuda-nos a problematizar a dimensão que as práticas racistas e a reprodução acrítica de determinados conteúdos podem tomar.

Vários contos do livro poderiam servir de ilustração a respeito do racismo presente em nossa sociedade, todavia, optamos por convidá-los a fazer uma análise crítica do conto “Metamorfose” (GUIMARÃES, 1992). Na história, observa-se uma estudante não letrada racialmente empolgada para recitar um poema e homenagear a Princesa Isabel, em decorrência das comemorações do dia 13 de maio. Contudo, após ouvir o discurso aviltante da professora, e perceber os olhares de pena dos colegas de sala, a menina sente-se paralisada e não consegue se apresentar, é tomada por um sentimento de vergonha. Tal discurso, expunha toda a humilhação a que os negros escravizados foram submetidos e, além disso, os colocava como pessoas passivas, que não ofereciam resistência ao serem forçados a trabalhar.

Narrativas desse tipo induzem à ausência de reconhecimento, à baixa autoestima e à autorrejeição dos estudantes negros, por exemplo. Urge recontarmos a história abordando conteúdos que destacam a resistência; a luta do povo negro e indígena; as importantes contribuições sociais e econômicas ao país e o legado cultural riquíssimo. Essa abordagem, inclusive, está prevista em lei e deve ser respeitada: a Lei n.º 10.639/03, que altera a Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, traz a obrigatoriedade de incluir no currículo oficial da rede de ensino a temática “história e cultura afro-brasileira” e que o calendário escolar deve ter o dia 20 de novembro como “dia nacional da consciência negra”. Posteriormente, a Lei n.º 11. 645/08 modifica a Lei n.º 10.639, de 9 de janeiro de 2003, e acrescenta a obrigatoriedade de incluir no currículo oficial da rede de ensino a temática “história e cultura afro-brasileira e indígena”.





Essas leis destacam a importância de incluir as contribuições significativas dos povos negros e indígenas na narrativa histórica do país. É preciso romper a barreira do ensino hierarquizado, levando para a sala de aula, ao menos na mesma proporção, as histórias desses povos que foram por tantos séculos subalternizados, silenciados. Os conteúdos escolares devem trabalhar com referências positivas de África, dos africanos, afro-brasileiros e indígenas, considerando que suas histórias iniciam em um período muito anterior ao abordado nos livros didáticos, os quais partem, geralmente, do processo de escravização. O modelo hegemônico de ensino branco-europeu não cabe no processo de ensino. É necessário e urgente contar as outras histórias do Brasil.

... escrevi exatamente o tipo de história que lia: todos os meus personagens eram brancos de olhos azuis, brincavam na neve, comiam maçãs e falavam muito sobre o tempo e sobre como era bom o sol ter saído. escrevia sobre isso apesar de eu morar na Nigéria...

Chimamanda Adichie, Escritora

A escritora nigeriana Chimamanda Adichie (2009) fala sobre “O perigo de uma história única”. Em seu livro, ela narra suas experiências com leitura de livros de origem britânica ou norte-americana na infância e como isso a influenciou durante anos em sua visão de mundo e em sua escrita.

Ela explica que tudo mudou quando teve acesso à literatura africana e descobriu que meninas como ela, “com pele cor de chocolate, cujo cabelo crespo não formava um rabo de cavalo” também poderiam ser personagens de livros, poderiam existir na literatura e que ela poderia escrever sobre o que realmente conhecia. Adichie percebeu outras histórias sobre os livros, sobre seu território, sobre seu povo e sobre ela mesma.

O relato da escritora nigeriana muito se assemelha à educação no Brasil: nossos estudantes comumente não se veem nos conteúdos que são ensinados, não se veem nos textos que são trabalhados. Os estudantes negros e indígenas precisam se ver representados na sala de aula seja por meio de autores, artistas, pesquisadores ou cientistas negros e indígenas; seja por meio das grandes invenções indígenas e africanas para a humanidade; seja por meio das histórias dos reinos e impérios negros e indígenas, entre outros. A Educação precisa ser potente o suficiente para que os estudantes negros e indígenas se identifiquem e se sintam fortalecidos e encorajados no combate ao racismo e para serem efetivamente antirracistas.

Para saber mais sobre a história da escritora Chimamanda Adichie, assista ao vídeo "O perigo de uma história única", produzido pela TED (Technology, Entertainment, Design), disponível na plataforma Youtube. Link: <https://youtu.be/D9lhs241zeg>

Vamos contribuir para recontar essas histórias?!

Convidamos você a ouvir a canção Ubuntu - Eu Sou Porque Nós Somos, com a Banda Alana Feat Silvanny Sivuca, produzido pelo instituto Alana, disponibilizado na plataforma Youtube. Link: <https://youtu.be/OXO8jL7a2VM>

É importante registrar aqui que a Secretaria de Estado de Educação do Espírito Santo está comprometida em fazer valer as leis 10.639/2003 e 11.645/2008, articulando políticas educacionais para a potencialização da EREER e desenvolvendo estratégias para a mitigação das desigualdades e a oferta de uma Educação com Equidade Racial.

Destacamos algumas pessoas negras e indígenas que revolucionaram em diversas áreas

- **Autores e Autoras**





Carolina Maria de Jesus (1914 -1977) foi uma escritora brasileira, considerada uma das primeiras e mais destacadas escritoras negras do País. Ela é autora do livro best seller autobiográfico “Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada”, além dos livros: “Casa de Alvenaria: Diário de uma Ex-favelada” (1961); “Pedacos da Fome” (1963); “Provérbios” (1965); além de “O diário de Bitita” e “Os escravos”, publicados postumamente, em 1982 e 2023, respectivamente.

Carolina Maria de Jesus é mineira, nascida em Sacramento, em 14 de março de 1914. Apaixonada por livros, estudou apenas até a segunda série do ensino fundamental. Em 1930, sua família decide se mudar para a cidade de Franca, São Paulo, mas, com o falecimento de sua mãe, Carolina resolveu se mudar, aos 23 anos, para a capital, trabalhando como faxineira. Em 1948, chega à favela do Canindé e, para conseguir cuidar sozinha de seus três filhos, trabalha como catadora de papel e outros materiais para reciclagem. Recolhia livros e revistas e guardava-os para seus momentos de leitura, e lia todos os dias. Além disso, Carolina, sempre escrevia sobre o seu cotidiano e os acontecimentos da favela em seu diário. Em 1958, entrega seus diários ao repórter Audálio Dantas, o qual conheceu na favela do Canindé, durante uma reportagem para o jornal Folha da Noite. Em 1960, com o apoio do repórter Dantas, os diários de Carolina são, então, publicados na íntegra com o título “Quarto de despejo: o diário de uma favelada” alcançando grande sucesso de vendas e sendo traduzido para mais de treze idiomas.

Para saber mais sobre Carolina Maria de Jesus, acesse: <https://brasilecola.uol.com.br/literatura/carolina-maria-jesus.htm>

Júlio Emílio Braz - nasceu em Manhumirim, Minas Gerais, em 16 de abril de 1959. É um importante ilustrador e escritor de literatura infantil e infantojuvenil brasileiro. Autodidata, sua carreira literária começou quando estava desempregado. Começou a escrever pequenas histórias com 7 anos e profissionalmente aos 21 anos. Iniciou sua carreira como escritor de roteiros para histórias em quadrinhos, publicadas no Brasil, Portugal, Bélgica, França, Cuba e EUA. Já publicou mais de cem títulos. Em 1988 recebeu o Prêmio Jabuti pela publicação de seu primeiro livro infanto-juvenil: SAGUIRU.

Lélia Gonzalez - Lélia de Almeida Gonzalez nasceu em Belo Horizonte, no dia 1º de fevereiro de 1935 e faleceu em 10 de julho de 1994, na cidade do Rio de Janeiro. Lélia era a décima sétima filha de uma família de 18 filhos. Ela sempre ressaltava possuir origem negra por parte de pai e indígena por parte de mãe. Como seus irmãos, Lélia trabalhou desde jovem. A escritora formou-se bacharel em Filosofia, Geografia e História pela Universidade Estadual da Guanabara (atual UERJ), na década de 1960. Foi professora da UERJ, da PUC e de outras instituições. Lélia foi fundadora do Movimento Negro Unificado e em 1983 fundou a organização Nzinga, um coletivo de mulheres negras feministas que rodou o Brasil e o mundo. As experiências pessoais e sociais de Lélia com o racismo, como a rejeição da família de seu marido (de ascendência europeia), e as experiências políticas e acadêmicas foram decisivas para Lélia construir sua linha de pensamento escrita em narrativas críticas resultantes dessas vivências. Lélia Gonzales é a autora de obras como “Lugar de Negro”, “Por um feminismo afro latino americano”, “Retratos do Brasil negro”. Lélia cunhou o termo “pretuguês” e é referência de grandes referências do movimento negro, como Ângela Davis, por exemplo.

Ângela Davis - é estadunidense e nasceu em 26 de janeiro de 1944. Sua família era politicamente ativa, de relações próximas com o movimento comunista e sua formação se deu no contexto da segregação racial do Alabama. Nesse contexto, Ângela viveu e presenciou de maneira muito próxima os ataques racistas da Ku Klux Klan (grupo extremista supremacista estadunidense). A professora e filósofa teve importante participação no Coletivo Black Panthers (Panteras Negras) na década de 60. Ângela é uma referência tanto acadêmica quanto de luta coletiva para as pautas anticapitalista e antirracista, especialmente para as mulheres. Ângela escreveu livros que conquistaram notoriedade internacional tais como “Mulheres, raça e classe” e “A liberdade é uma luta constante”.





Conceição Evaristo - nasceu na capital de Minas Gerais, Belo Horizonte, no ano de 1946 e mudou-se para o Rio de Janeiro na década de 1970. Conceição é graduada em Letras, mestre e doutora em literatura brasileira e foi professora da Educação Básica. A professora começou a publicar seus escritos na década de 1990 e hoje, seus contos e livros vêm sendo estudados em universidades de diversos países. Evaristo tem uma escrita de características próprias, mas que se une a vivências coletiva dos negros no Brasil. A autora concebe essa forma de escrever como “escrevivência”, sendo uma escrita impregnada do cotidiano e da realidade negra no país. Conceição tem volumes de contos publicados como “Olhos d’água”, “Insubmissas lágrimas de mulheres”, bem como romances reconhecido nacional internacionalmente, como é o caso de “Ponciá Vicêncio” publicado em 2003.

Márcia Kambemba - Márcia Kambemba nasceu em uma aldeia ticuna, no Amazonas. Aos oito anos, mudou-se para São Paulo. Márcia é geógrafa formada pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA) e fez mestrado na Universidade Federal do Amazonas, onde realizou pesquisa sobre o território e a identidade da sua etnia. Como poeta, adotou o nome indígena Wayna. Em seus livros trata de temáticas envolvendo os indígenas na cidade, suas lutas e demandas. A autora escreve ainda sobre questões ambientais e territoriais relacionadas à sua área de formação. Alguns de seus escritos têm características próximas a dos cordéis. São exemplos de suas publicações “O lugar do saber ancestral”, “Infância na aldeia” e “Kumiça Jenó: narrativas poéticas dos seres da floresta”

Geni Nuñez - é uma ativista indígena da etnia Guarani, psicóloga, doutora em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina. Geni é co-assistente da Comissão Guarani Yvyrupa e membro da Comissão de Direitos Humanos (CDH) do Conselho Federal de Psicologia (CFP). Geni Nuñez é autora de “Descolonizando afetos: experimentação sobre outras formas de amar” e de “Jaxy Jaterê”, seu primeiro livro infantil.

Daniel Munduruku - paraense, nascido em Belém, na etnia Munduruku é um autor renomado, com 52 livros publicados, que já recebeu prêmio Jabuti e o prêmio Tolerância (da UNESCO) dentre outros. O escritor é formado em Filosofia, com licenciatura em História e Psicologia e integrou o programa de Pós-Graduação em Antropologia Social na USP. Daniel é autor de livros como “Histórias de índio” e “As serpentes”.

Ailton Krenak - nasceu na década de 1950, no Vale do Rio Doce em Minas Gerais e é um ativista das pautas socioambientais e indígenas. Em 2023 Krenak foi eleito imortal da Academia Brasileira de Letras. É filósofo e Doutor Honoris causa pelas universidades mineiras UFMG e UFJF. Nos anos 80, passou a dedicar-se exclusivamente ao movimento indígena. Em 1985 fundou a ONG Núcleo de Cultura Indígena. “Dois anos depois, durante a Assembléia Constituinte, protagonizou uma das cenas mais marcantes da redemocratização. Como forma de protesto ao retrocesso na luta pelos direitos indígenas, Krenak pintou sua face com tinta preta do jenipapo durante seu discurso na tribuna. Para o seu povo, o produto é usado em situações de luto.” (Fonte: Politize.com). “Ideias para adiar o fim do mundo” e “Futuro Ancestral são” duas de suas obras que conquistaram notoriedade por trazerem uma pertinente temática, mas também pelo formato textual didático visto que foram discursos transcritos e que carregam consigo as marcas da oralidade enquanto elemento de comunicação dos saberes indígenas e ancestrais.

- **Invenções Revolucionárias**

Diversas personalidades negras e indígenas já evidenciaram ao mundo sua genialidade e capacidade inventiva. Quantos deles você conhece? Vamos apresentar a você alguns:





Patricia Bath - nasceu no Harlem em 1942 e se formou em Medicina pela Universidade de Howard em 1968. Em 1973, concluiu sua residência em oftalmologia, tornando-se a primeira mulher negra a completar o programa. Dois anos mais tarde, Patricia fez história ao se tornar a primeira mulher a integrar o Departamento de Oftalmologia do UCLA Jules Stein Eye Institute. Durante seu tempo no Harlem Hospital, onde começou a carreira, e mais tarde na Universidade de Columbia, Patricia notou a disparidade no acesso ao cuidado oftalmológico entre a população negra e pobre. Isso a motivou a fundar, em 1976, o Instituto Americano para Prevenção da Cegueira, com a perspectiva de que "a visão é um direito humano básico" (...). Em 1986, Patricia Bath obteve a primeira patente médica concedida a uma mulher negra por sua invenção do "Laserphaco Probe" — um dispositivo inovador que utiliza laser para realizar a incisão e a aspiração de cataratas em questão de minutos.

Para saber mais sobre a vida e as pesquisas de Patrícia Bath, acesse: <https://mulheresnaciencia-mc.blogspot.com/2014/09/patricia-bath.html>

https://cfmedicine.nlm.nih.gov/physicians/biography_26.html

Gerald "Jerry" Lawson - o inventor do cartucho de videogame e do 'pause' nos jogos

Antigamente, os jogadores não tinham a opção de pausar os jogos. Hoje, podemos interromper nossas partidas temporariamente graças aos esforços de Jerry Lawson. Nascido no Brooklyn, Nova York, em 1940, Lawson começou sua carreira como engenheiro eletrônico. Mais tarde, mudou-se para a Califórnia, onde trabalhou na Kaiser Electronics. Na década de 1970, ingressou na Fairchild Semiconductor, empresa fundada em 1957, onde teve a oportunidade de colocar em prática suas ideias. Lawson foi promovido a Diretor de Engenharia e Marketing do departamento de videogames da Fairchild, liderando o desenvolvimento do sistema Fairchild Channel F, lançado nas lojas em novembro de 1976. Esse foi o primeiro videogame doméstico a apresentar cartuchos de jogos intercambiáveis, um joystick digital de 8 direções e, inovadoramente, oferecer a opção de pausar o jogo através do botão Hold, que permitia parar a ação na tela e ajustar parâmetros como a velocidade do jogo. O Channel F pavimentou o caminho para sistemas de jogos futuros, incluindo Atari, SNES, Dreamcast e muitos outros. Em 1980, Lawson saiu da Fairchild para fundar a VideoSoft, uma das primeiras empresas de desenvolvimento de videogames de propriedade de afro-americanos.

Para saber mais sobre a vida e os inventos de Jerry Lawson acesse:

Fontes: <https://googlediscovery.com/2022/12/01/jerry-lawson-criador-do-cartucho-de-videogame-e-destaque-no-google/>

<https://www.tecmundo.com.br/video-game-e-jogos/101524-zerou-vida-conheca-jerry-lawson-inventor-pause-jogos.htm>

Jaqueline Goes de Jesus - cientista brasileira que mapeou o genoma do coronavírus

A cientista brasileira fez parte da equipe que conseguiu mapear os primeiros genomas do novo coronavírus (SARS-CoV-2) no Brasil em apenas 48 horas após a confirmação do primeiro caso de Covid-19 no país, enquanto em outras partes do mundo esse mapeamento foi de 15 dias. A sequenciação possibilitou distinguir o vírus que infectou o paciente brasileiro do genoma encontrado em Wuhan, na China, lugar de origem da epidemia. Nascida na Bahia, Jaqueline aprendeu desde cedo, com seus pais, a valorizar o conhecimento por meio de brinquedos educativos, acesso à leitura e música. Graduiu-se em Biomedicina e é doutora em patologia humana e experimental pela Universidade Federal da Bahia - UFBA - em associação com a Fiocruz. Em 2018, enquanto fazia estágio em Birmingham, a pesquisadora desenvolveu e aperfeiçoou protocolos de sequenciamento de genomas completos pela tecnologia de nanoporos do vírus Zika, além de protocolos para sequenciamento direto do RNA, o que contribuiu em sua pesquisa com o Sars-CoV-2. A pesquisadora recebeu prêmios e foi homenageada em diversos espaços pelo seu empenho na luta contra o coronavírus. Jaqueline integra o Centro Conjunto Brasil-Reino Unido para Descoberta, Diagnóstico, Genoma e Epidemiologia de Arbovírus, um projeto de monitoração de epidemias com o objetivo de dar respostas em tempo real.

Para saber mais sobre a cientista Jaqueline Goes de Jesus, acesse a entrevista que ela concedeu ao Portal Luneta, disponível no link

<https://lunetas.com.br/jaqueline-goes-lugar-de-menina-na-ciencia/>





Viviane dos Santos Barbosa,- cientista brasileira que criou um produto catalisador que reduz a emissão de gases poluentes

Viviane nasceu em Salvador, Bahia, e durante a conferência científica internacional realizada na cidade de Helsinki, na Finlândia, em 2010, ela recebeu um importante prêmio pela pesquisa que apresentou. Esse evento ocorre a cada quatro anos, em diferentes lugares, e reúne cientistas de diversas áreas do mundo inteiro. A cientista brasileira apresentou seu projeto desenvolvido na Universidade Técnica de Delft, na Holanda, onde ela cursou bacharelado em Engenharia Química e Bioquímica e também onde fez mestrado em Engenharia Química, no departamento de Nanotecnologia. Viviane concorreu com cerca de 800 outras pesquisas científicas. Sua pesquisa consistia na produção de catalisadores metálicos nanoestruturados, produzidos por meio do método que possibilita a mistura de metais e o controle das dimensões em escala nanométricas, com o potencial de gerar novas propriedades catalíticas. Esse catalisador produzido por Viviane se diferencia dos outros até então produzidos por funcionar em temperatura ambiente, reduzindo a emissão de gases tóxicos, podendo ser utilizado na produção de energia alternativa e no controle ambiental. Seu projeto foi considerado de grande relevância no meio científico.

Para saber mais sobre a cientista Viviane consulte os links:

Fonte: <https://www.geledes.org.br/viviane-negra-baiana-e-agora-cientista-de-fama-mundial/>

<https://www.fapesb.ba.gov.br/baiana-com-especializacao-na-area-de-nanotecnologia-recebe-premio-na-finlandia/>

Juliano Moreira (1872-1933) - um psiquiatra negro frente ao racismo científico

Médico, nascido em Salvador, em 6 de janeiro de 1872. Sua mãe, a sra Galdina Joaquina do Amaral, trabalhava na casa do Barão de Itapuã, um dos diretores da Faculdade de Medicina da Bahia. Com apenas 13 anos, Juliano Moreira entrou para essa faculdade onde se tornou médico aos 18 anos, defendendo a tese *Sífilis maligna precoce*, estudo que ainda é referência para muitos pesquisadores no assunto. Moreira é um dos mais notáveis nomes na medicina brasileira. É considerado o fundador da psiquiatria no Brasil. Em 1903, quando assumiu a direção do Hospício Nacional de Alienados, no Rio de Janeiro, destacou-se ao implantar um **tratamento humanizado** para os pacientes psiquiátricos, abolindo o uso de camisas de força, mandando retirar as grades de todas as janelas e separando os pacientes adultos das crianças. Além de revolucionar na forma do tratamento a pessoas com transtornos psíquicos no Brasil, o Dr. Juliano Moreira lutou incansavelmente, para combater o racismo científico e a falácia da ligação de doenças mentais com a cor da pele. Ele participou da fundação da Sociedade Brasileira de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal e foi um dos membros fundadores da Academia Brasileira de Ciências, chegando a presidir esta última. Moreira redigiu uma proposta de reforma do Hospício Nacional e trabalhou junto ao governo para a aprovação da legislação federal de assistência aos alienados, culminando na aprovação do DECRETO Nº 1.132, DE 22 DE DEZEMBRO DE 1903, que Reorganiza a Assistência aos Alienados.

Para saber mais sobre a vida e as pesquisas do Dr. Juliano Moreira acesse:

Fonte: <https://www.scielo.br/j/rbp/a/wzF5QyZ7pVvVVF5VqRHwSHf/>

<https://informe.ensp.fiocruz.br/noticias/52024>

<https://www.bbc.com/portuguese/geral-55557894>

Lewis Howard Latimer - o inventor da Lâmpada de filamento de carbono

Lewis Howard Latimer nasceu em Chelsea, Massachusetts, em 4 de setembro de 1848. Seus pais eram escravizados autoemancipados. Latimer enfrentou muitos desafios em razão do evidente racismo da época. Já aos dezesseis anos, alistou-se na Marinha da União, em 1864, quando o país havia recém-abolido a escravidão. Latimer era autodidata e, sem conseguir frequentar a escola, ele aprendeu por conta própria desenho mecânico. Após sair da marinha, com sua habilidade, conseguiu um emprego em um escritório de advocacia de patentes em Boston como desenhista. Lá, tornou-se desenhista-chefe, especialista em patentes e inventor. Trabalhou em muitas invenções importantes, incluindo o desenvolvimento do telefone ao lado de Alexander Graham Bell. Latimer ajudou a desenvolver um transmissor mais eficiente que melhorou a qualidade do som, e seus desenhos foram cruciais para garantir a patente do telefone.





Sobre o episódio da invenção da lâmpada, na década de 1870, num contexto em que vários pesquisadores buscavam protótipos de fontes artificiais de luz que utilizassem energia elétrica como fonte alimentadora, Thomas Edison conseguiu, em 1879, desenvolver um protótipo de lâmpada incandescente, mas com vida útil muito baixa, ou seja, queimava rapidamente. Em 1880, o dono da United States Electrical Lighting Company, convida Latimer para fazer parte da sua companhia. Enquanto trabalhava nessa empresa, no ano de 1882, Lewis Latimer inventou e patenteou o processo para fazer o filamento de carbono presente nas lâmpadas. Somente a partir daí, o tempo de vida útil das lâmpadas incandescentes tornou-se considerável. Além disso, o processo tornou essas lâmpadas mais viáveis financeiramente, possibilitando, assim, a comercialização do produto pelas empresas.

Além do telefone e da lâmpada incandescente, Latimer projetou o primeiro aparelho de ar condicionado e um banheiro aprimorado para vagões de trem. Apesar das várias invenções e inovações de Lewis Howard Latimer, seu nome foi esquecido e ainda permanece ausente na maioria das aulas e dos materiais didáticos.

Para saber mais sobre sobre Lewis Howard Latimer, consulte os links:

Fonte: <https://www.litegear.com/2024/02/06/lewis-howard-latimer/>
<https://www1.fisica.org.br/fne/phocadownload/Vol15-Num2/a04.pdf>
<https://www.lewislatimerhouse.org/about>

Gladys Mae West - a mulher que inventou o GPS

Gladys Mae West nasceu em 1930, nos Estados Unidos, em Dinwiddie County, um lugar onde prevalecia a economia agrícola. Durante seus estudos no ensino médio, destacou-se como primeira aluna da turma, conseguindo, por isso, uma bolsa de estudos para a Universidade de Virgínia, graduando-se em Matemática. Na década de 1950, começou a trabalhar na Naval Surface Warfare Center Dahlgren Division, onde trabalhou por 42 anos. West era responsável pela pesquisa de localização espacial dos satélites em órbita e pelo registro desses dados no computador da base. Ela usava um programa de análise das elevações da superfície. Durante suas pesquisas, West programou um computador capaz de modelar o formato exato da terra, possibilitando que tenhamos hoje programas que fazem uma relação direta com o Global Positioning System (GPS), trazendo praticidade ao nosso dia a dia, facilitando a realização de percursos desconhecidos e permitindo, entre outras coisas, programar rotas e localizar pessoas nos mais variados lugares.

Para saber mais, acesse:

Fontes: <https://www.vezevoz.org/post/mulheres-que-mudaram-a-engenharia-e-a-ci%C3%Aancia-gladys-west>
https://wiki.inf.ufpr.br/computacao/doku.php?id=g:gladys_west
<https://www3.unicentro.br/petfisica/2021/12/10/gladys-west-a-mae-do-gps/>

Mary Beatrice Davidson Kenner - inventou o absorvente íntimo externo

Mary Beatrice Davidson nasceu em 1912, na Carolina do Norte, nos Estados Unidos. Ela veio de uma família de inventores. Seu avô materno, por exemplo, criou o sinal de luzes tricolor, utilizado para guiar os trens. Mary Beatrice herdou a habilidade para inventar coisas. Ela se debruçava por horas sobre suas pesquisas. Conseguiu, na década de 1930, com sua habilidade, uma vaga na conceituada Universidade de Howard, mas, em razão da falta de recurso, frequentou apenas um ano de faculdade. Em 1956, Mary buscou patentear sua maior invenção: o absorvente. O invento tinha o formato de um cinto que era utilizado para guardanapos sanitários. A invenção foi um grande sucesso. Porém, a primeira empresa que manifestou interesse em fabricar o produto, a Sonn-Nap-Pack Company, desistiu do contrato ao saber que a autora da patente era negra. Apesar de todo o esforço para registrar a invenção e lutando contra o racismo, Mary não chegou a receber qualquer valor financeiro por sua criação, já que sua patente logo entrou em domínio público.

Para saber mais sobre sobre a vida e as invenções de Mary Beatrice, acesse:

Fontes: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/historia-mary-beatrice-mulher-negra-que-inventou-o-absorvente.phtml>
<https://primeirosnegros.com/mary-beatrice/>



Marian Croak - a engenheira que converteu dados de voz em sinais digitais

Graduada em Ciência da Computação pela Universidade de Princeton e com doutorado em análise estatística e psicologia social pela Universidade do Sul da Califórnia, Croak possui hoje mais de 200 patentes em seu nome. A cientista nasceu em Nova York, em 14 de maio de 1955. Sua preocupação com a justiça racial sempre norteou seus trabalhos e pesquisas. Na década de 1980, pesquisando Fatores Humanos e analisando como a tecnologia poderia favorecer a vida das pessoas, Croak vislumbrou as potencialidades das telecomunicações digitais. Em seus estudos, ela conseguiu converter dados de voz em sinais digitais para transmissão pela Internet, substituindo as linhas telefônicas convencionais. Sua descoberta impulsionou, significativamente, os recursos de conferência de áudio e vídeo, tornando possível hoje as frequentes reuniões remotas. Atualmente, Marian Croak é vice-presidente de Engenharia do Google e gerencia a equipe responsável pelo desenvolvimento de tecnologias de comunicação, como o Google Meet e o Google Duo.

Para saber mais sobre a vida e as pesquisas de Marian Croak, acesse:

<https://www.invent.org/inductees/marian-croak>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Marian_Croak

Você conhecia alguma dessas pessoas e seus inventos?

Assim como as personalidades negras destacadas acima, os povos indígenas também foram e são verdadeiros mestres da inovação e criam tecnologias incríveis. Ao longo de milhares de anos, eles desenvolveram técnicas que permitiram sua sobrevivência e transcendência.

Dentre as invenções mais antigas, muitas dessas, ainda hoje, estão presentes e influenciam nossa vida cotidiana. Conhece alguma delas?

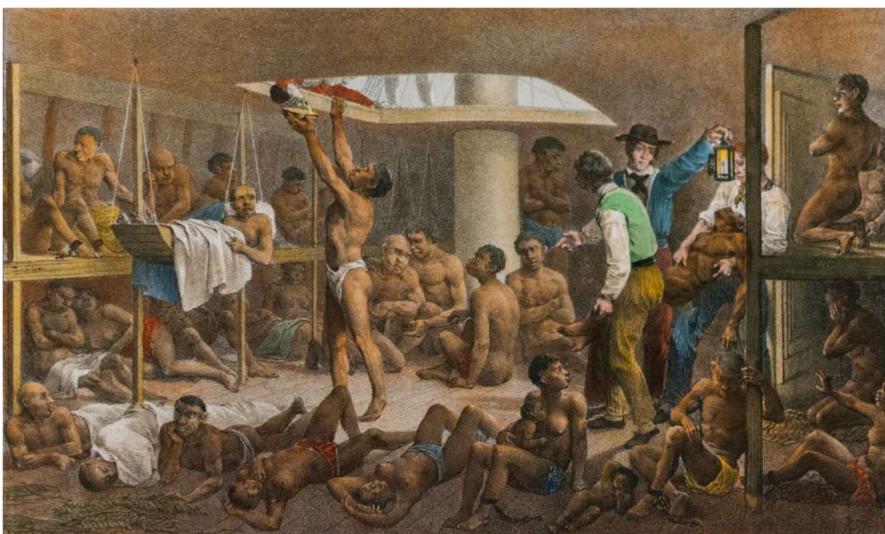
ALGUMAS INVENÇÕES INDÍGENAS:

- Cultivo e seleção de milho
- Arquiteturas
- Rede
- Caiaque
- Pontes suspensas

Quer saber mais? Explore algumas dessas e outras invenções no YouTube [@MisteriosdoPassado](https://www.youtube.com/watch?v=XitM7K6UFQI) (<https://www.youtube.com/watch?v=XitM7K6UFQI>).

- Artes

Você, possivelmente, conhece esta pintura e este poema abaixo. São artes, muitas vezes, trazidas em livros didáticos quando é abordado o tema da presença dos africanos e da escravidão no Brasil.



O título da imagem é "Navio Negreiro", que é uma obra de arte de Johann Moritz Rugendas, retratando as condições horríveis do transporte de escravos africanos para o Brasil. O porão do navio está lotado de pessoas negras.



O Navio Negreiro, de Castro Alves

Era um sonho dantesco... o tombadilho
Que das luzernas avermelha o brilho.
Em sangue a se banhar.
Tinir de ferros... estalar de açoite...
Legiões de homens negros como a noite,
Horrendos a dançar...

Negras mulheres, suspendendo às tetas
Magras crianças, cujas bocas pretas
Rega o sangue das mães:
Outras moças, mas nuas e espantadas,
No turbilhão de espectros arrastadas,
Em ânsia e mágoa vãs!

E ri-se a orquestra irônica, estridente...
E da ronda fantástica a serpente
Faz doudas espirais ...
Se o velho arqueja, se no chão resvala,
Ouvem-se gritos... o chicote estala.
E voam mais e mais...

Preso nos elos de uma só cadeia,
A multidão faminta cambaleia,
E chora e dança ali!
Um de raiva delira, outro enlouquece,
Outro, que martírios embrutece,
Cantando, geme e ri!

No entanto o capitão manda a manobra,
E após fitando o céu que se desdobra,
Tão puro sobre o mar,
Diz do fumo entre os densos nevoeiros:
"Vibrai rijo o chicote, marinheiros!
Fazei-os mais dançar!..."

E ri-se a orquestra irônica, estridente. . .
E da ronda fantástica a serpente
Faz doudas espirais...
Qual um sonho dantesco as sombras voam!...
Gritos, ais, maldições, preces ressoam!
E ri-se Satanás!...

Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000068.pdf>

Você já parou para refletir sobre elas?

Ainda que os autores estejam, de certa forma, denunciando as precárias condições dos escravizados, tecendo críticas a esse sistema tão desumano, muitas vezes não refletimos sobre a alienação da história e da memória negra e deixamos, no nosso imaginário, os negros presos à época (assim como os indígenas).





Nessa perspectiva, observa-se a importância de reconhecer que a história e a memória cultural de um povo estão diretamente ligadas à sua identificação positiva ou negativa no presente. Geralmente, a narrativa histórica é contada a partir da perspectiva do vencedor, do opressor, enquanto a história dos vencidos tende a ser menosprezada. No contexto da história sendo contada de forma alienada, como a do povo negro, ocorre um distanciamento do indivíduo de sua identidade, levando-o a buscar integração na sociedade assimilando a história, a cultura e o discurso do branco. Conforme já citamos anteriormente, o conto "Metamorfose" destaca essa elevação da história e da memória do povo branco em detrimento da história e da memória do negro, como evidenciado no trecho a seguir:

“Mas, assim que entramos na classe, ela se pôs a falar sobre a data:

-Hoje comemoramos a libertação dos escravos. Escravos eram negros que vinham da África. Aqui eram forçados a trabalhar, e pelos serviços prestados nada recebiam. Eram amarrados nos troncos e espancados às vezes até a morte. Quando não...

E foi ela discursando por uns quinze minutos. Vi que sua narrativa não batia com a que nos fizera a Vó Rosaria. Aqueles eram bons, simples, humanos, religiosos. Eram bobos, covardes, imbecis, estes me apresentados então. Não reagiam aos castigos, não se defendiam, ao menos. Quando dei por mim, a classe inteira me olhava com pena ou sarcasmo. Eu era a única pessoa da classe representando uma raça digna de compaixão, desprezo! Quis sumir, evaporar, não pude”.

(GUIMARÃES, 1992, p. 65)

No conto, a narradora, em sua memória de menina, descreve a decepção dela (menina) ao descobrir que os escravizados descritos por sua avó, não eram os mesmos “escravos” aos quais a professora se referia na escola. Além disso, por ser um discurso da professora, que é o discurso tido como oficial e inquestionável, a estudante também acabava por atribuir mais credibilidade a ele, sentindo-se, no fim, oprimida.

Já pensou em iniciar um debate a partir das memórias negras e indígenas advindas de suas origens? Ou seja, vinda do próprio negro e indígena em vez de debater a história deles, contada a partir do ponto de vista do branco, por vezes de visão eurocêntrica/dominadora/opressora? Para instigar esse debate, sugerimos a você refletir sobre os artistas indígenas e negros que você conhece. Quantos e quais são eles? Para contribuir com a reflexão, apresentamos a vocês **Denilson Baniwa** e **Antonio Júnior**.

Denilson é indígena do povo Baniwa. Atualmente, vive e trabalha em Niterói, no Rio de Janeiro. Além de artista visual, Denilson é também publicitário, articulador de cultura digital e hackeamento, contribuindo na construção de uma imagética indígena em diversos meios como revistas, filmes e séries de tv.

Denilson é vencedor do PIPA Online 2019, indicado ao PIPA 2019 e 2021, artista selecionado ao Prêmio PIPA 2021, membro do Comitê de Indicação do Prêmio PIPA 2022 e 2023 (<https://www.premiopipa.com/denilson-baniwa/>).

O Prêmio PIPA é uma iniciativa do Instituto PIPA. Foi criado em 2010 para ser o mais relevante prêmio brasileiro de artes visuais.





Antonio Junião é cartunista e artista visual. Nasceu em Campinas (SP), cursou a faculdade de Educação Artística na Unesp-Bauru e faz jornalismo ilustrado desde 1994. Como ilustrador, atua também em sites, aplicativos e no mercado editorial, principalmente em livros infantis e infantojuvenis. Como jornalista, já entrevistou personalidades históricas da luta contra o racismo como Emory Douglas, ilustrador dos Panteras Negras, e participa de debates e palestras em que se discutem os novos rumos do jornalismo independente em coberturas relacionadas a direitos humanos.

Em junho de 2016 lançou "Meu Pai Vai Me Buscar na Escola", seu primeiro livro infantil como escritor e ilustrador pela editora Zit. E em dezembro do mesmo ano, o livro recebeu como prêmio o Selo Cátedra UNESCO de Qualidade de Leitura.

“Enquanto houver violência e esse menosprezo acomodado pela história do negro sendo contada pelo próprio negro. Enquanto a mulher negra, mesmo sendo maioria na população brasileira, tiver que lutar bravamente para combater a violência que a atinge e ter seus direitos reconhecidos. Enquanto houver esse genocídio contra a juventude negra pobre e periférica e os demais atos escabrosos patrocinados inclusive pelo Estado: o Dia da Consciência Negra – sim, mano, em maiúsculo – e esta charge são necessários”.

(Junião – cartunista e ilustrador)

Junião foi um dos 10 premiadíssimos negros convidados de Rodrigo Brum para a mostra de charges sobre a temática da Consciência Negra, buscando uma abordagem mais autêntica sobre as lutas e conquistas da comunidade negra no Brasil. A temática foi sugerida, e Brum, ao perceber a relevância do tema, decidiu tornar a exposição ainda mais impactante, intitulado de "Consciência Negra – Charges do Brum e convidados".

Brum explica que o processo de seleção foi simples: “era chargista e negro eu convidei. Chamei mais do que os 10 que estão participando”. A ideia foi “escutar quem sente tudo o que está sendo denunciado nas charges na pele, trazendo mais riqueza para a exposição com grandes nomes do traço”. Confira algumas das charges da exposição e saiba mais acessando o link:

Totalizando 20 charges, a exposição retrata temas atuais da realidade brasileira, provocando reflexões e debates sobre a questão racial, desafiando estereótipos e promovendo a valorização da cultura negra. “É a 'porrada' necessária para o leitor iniciar o debate sobre o tema. Um tema tão necessário e importante numa sociedade onde, infelizmente, as pessoas negras ainda enfrentam barreiras e preconceitos”, afirma Brum.



3.2 Dicas para uma educação antirracista

Olá, cursista!

Estamos chegando ao fim de nosso curso!

Até aqui, entendemos como o racismo foi construído historicamente, suas especificidades e as ricas contribuições das culturas negra e indígena para a constituição da sociedade brasileira. No entanto, destacamos que o conhecimento sobre uma determinada realidade não necessariamente implica mudanças. É necessário agir. Promover/incentivar/participar de debates, feiras científicas, feiras literárias, clubes de leitura, comitês étnico-raciais, exposições, entre outras são algumas das ações possíveis.

Já pensou em produzir ou participar de uma feira científico-tecnológica dedicada a negros e/ou indígenas? Esse tipo de evento tem como objetivo destacar e valorizar as contribuições científicas e culturais, fomentando aprendizado e crescimento para toda a comunidade escolar.

Os livros a seguir, por exemplo, destacam as invenções de pessoas negras e podem servir de inspiração para a feira:

- HISTÓRIA PRETA DAS COISAS - Bárbara Carine Soares Pinheiro
- TECNOLOGIA AFRICANA NA FORMAÇÃO BRASILEIRA - Henrique Cunha Júnior

A Feira Científico-Tecnológica dedicada a pessoas negras e/ou indígenas poderá oportunizar a participação de pais, familiares e membros da comunidade, fortalecendo os laços entre a escola e a comunidade local, promovendo um senso de pertencimento e colaboração.

Além das exposições dos trabalhos, os eventos podem contar com tarefas interativas, oficinas, experimentos, palestras, entre outras atividades. São sugestões que podem (e devem) ser adaptadas para cada realidade. Não são fórmulas prontas, são possibilidades.

Independente da função que você ocupe na área da educação, é necessário assumir uma postura ativa no combate ao racismo. Nesse sentido, como orientação e incentivo, julgamos oportuno apresentar duas Circulares Internas disponibilizadas pela Sedu, por meio da Gerência de Educação Antirracista, do Campo, Indígena e Quilombola (Geaciq). Vamos lá?!

CI 05: esta CI foi divulgada no dia 09 de fevereiro de 2024, com o intuito de apresentar algumas sugestões do que fazer e algumas orientações quanto ao que não fazer considerando a EREER:

<https://drive.google.com/file/d/1p1mWgeUC11-eBxV8lO8bn3L353FgyJpe/view>

CI 24: esta CI foi divulgada no dia 19 de abril e, seguindo o modelo da CI 05, esta CI apresenta as sugestões do que fazer e algumas orientações quanto ao que não fazer no que concerne à temática indígena:

https://drive.google.com/file/d/12NkszbQDevnzSmMuFr88rwd_8_qCNMII/view

Destacamos, também, o Caderno Orientador produzido pela Secretaria de Educação do Espírito Santo, por meio da Geaciq (ESPÍRITO SANTO, 2023). Caso ainda não o conheça, disponibilizamos aqui o link para acesso ao material. O caderno promove reflexões necessárias e contribui com orientações que auxiliam a consolidação da EREER nas unidades escolares. Disponível no link:

[https://drive.google.com/file/d/18jRPNS55i8Rcjx6B7wuPOpCbBE9ZiGsl/view?usp=drive link.](https://drive.google.com/file/d/18jRPNS55i8Rcjx6B7wuPOpCbBE9ZiGsl/view?usp=drive_link)

Para encerrar este tópico, evidenciamos abaixo uma campanha produzida pela Unicef, na qual são destacadas 10 formas de contribuir para uma infância sem racismo:

Link: <https://www.unicef.org/brazil/por-uma-infancia-sem-racismo>



Dez maneiras de contribuir para uma infância sem racismo

1. Eduque as crianças para o respeito à diferença. Ela está nos tipos de brinquedos, nas línguas faladas, nos vários costumes entre os amigos e pessoas de diferentes culturas, raças e etnias. As diferenças enriquecem nosso conhecimento.
2. Textos, histórias, olhares, piadas e expressões podem ser estigmatizantes com outras crianças, culturas e tradições. Indigne-se e esteja alerta se isso acontecer – contextualize e sensibilize!
3. Não classifique o outro pela cor da pele; o essencial você ainda não viu. Lembre-se: racismo é crime.
4. Se seu filho ou filha foi discriminado, abraça-o, apoie-o. Mostre-lhe que a diferença entre as pessoas é legal e que cada um pode usufruir de seus direitos igualmente. Toda criança tem o direito de crescer sem ser discriminada.
5. Denuncie! Em todos os casos de discriminação, busque defesa no conselho tutelar, nas ouvidorias dos serviços públicos, na OAB e nas delegacias de proteção à infância e adolescência. A discriminação é uma violação de direitos.
6. Proporcione e estimule a convivência de crianças de diferentes raças e etnias nas brincadeiras, nas salas de aula, em casa ou em qualquer outro lugar.
7. Valorize e incentive o comportamento respeitoso e sem preconceito em relação à diversidade étnica e racial.
8. Muitas empresas estão revendo sua política de seleção e pessoal com base na multiculturalidade e na igualdade racial. Procure saber se o local onde trabalha participa também dessa agenda. Se não, fale disso com seus colegas e supervisores.
9. Órgãos públicos de saúde e de assistência social estão trabalhando com rotinas de atendimento sem discriminação para famílias indígenas e negras. Você pode cobrar essa postura dos serviços de saúde e sociais da sua cidade. Valorize as iniciativas nesse sentido.
10. As escolas são grandes espaços de aprendizagem. Em muitas, as crianças e os adolescentes estão aprendendo sobre a história e a cultura dos povos indígenas e da população negra e como enfrentar o racismo. Ajude a escola de seus filhos a também adotar essa postura.

Por uma infância sem racismo

Considerações finais

Querida(o) cursista,

Chegamos ao fim de nosso curso de letramento racial. Nessa jornada, foi possível entender que o racismo é um mal estrutural que assola nossa sociedade e, portanto, deve ser combatido. Não temos como combater um problema caso não o reconheçamos, sendo assim, buscamos ao longo do curso evidenciar a construção histórica do racismo, para que você tenha o entendimento de que não se trata de uma postura pessoal, de uma patologia individual, mas de um sistema de opressão com raízes profundas, construído historicamente, que subjuga e tira oportunidades de todo um coletivo.

A partir do conhecimento do que é o racismo e de suas especificidades, esperamos que você possa identificar e assumir posturas antirracistas, que você tenha um embasamento teórico inicial e que possa, tão logo seja possível, continuar os estudos na temática, considerando a necessidade e a importância de uma formação contínua.

Também evidenciamos o quão importante é valorizar os diversos tipos de cultura e trouxemos algumas das ricas contribuições das culturas indígenas e africanas, além de propor sugestões quanto ao que fazer e chamar a atenção para práticas que não são aconselháveis.

Esperamos que tenha se sentido incomodada(o) com os estudos realizados. Essa foi uma das intenções. O racismo é um assunto que precisa incomodar a todos, nos tirar da zona de conforto e nos incitar a promover mudanças. Como afirma Ângela Davis: “Numa sociedade racista, não basta não ser racista. É necessário ser antirracista.”





Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única. Tradução de Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. Disponível em <https://www.mpba.mp.br/sites/default/files/biblioteca/direitos-humanos/enfrentamento-ao-racismo/obras_digitalizadas/chimamanda_ngozi_adichie_-_2019_-_o_perigo_de_uma_historia_unica.pdf>

Cunha Junior, Henrique. Tecnologia africana na formação brasileira. Rio de Janeiro: CeaP, 2010.

ESPÍRITO SANTO. Caderno orientador para a educação das relações étnico-raciais no Espírito Santo. Vitória: SEDU, 2023. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1O9TzW8BZAAEDk-tYVVTtAMFqADqvrXol/view>. Acesso em 26 de abril de 2024.

GUIMARÃES, Geni. A cor da ternura. São Paulo: FTD, 1992.

PINHEIRO, Bárbara. História Preta das Coisas: 50 invenções científico-tecnológicas de pessoas negras. 1. ed. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2021.

MARIAN CROAK. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Marian_Croak>

NATIONAL INVENTORS HALL OF FAME. Marian Croak. VoIP (Voice over Internet Protocol) Technology. Disponível em <<https://www.invent.org/inductees/marian-croak>>





FICHA TÉCNICA

Governador do Estado do Espírito Santo
José Renato Casagrande
Vice- Governador do Estado do Espírito Santo
Ricardo Ferraço
Secretário de Estado da Educação
Vitor Amorim de Angelo
Subsecretária de Estado de Educação Básica e Profissional
Andréa Guzzo Pereira
Subsecretário de Estado de Planejamento e Avaliação
Marcelo Lema Del Rio Martins
Subsecretário de Estado de Suporte à Educação
André Melloti Rocha
Subsecretária de Estado de Administração e Finanças
Josivaldo Barreto de Andrade
Subsecretária de Estado de Articulação Educacional
Darcila Aparecida da Silva Castro

Gerência de Estudos, Pesquisa, Qualificação e Desenvolvimento dos Profissionais do Magistério - Cefope/Geped

Karoliny Mendes da Costa (Gerente)
Gerência Qualificação Profissional - Cefope/Gepro
Bianca Silva Santana (Gerente)
Concepção gráfica do Ambiente Virtual de Aprendizagem
Hernany Roberto Matos (Designer Gráfico - Cefope/Gepro)
Equipe de Tecnologia
Leonardo Cruz de Andrade (Técnico Pedagógico Cefope/Gepro)
Almir Carletti Neto (Assessor de Tecnologia)
Gustavo Pereira da Silva Nascimento (Assessor de Tecnologia)
Felipe Becalli Trindade (Estagiário)
Coordenação da Formação - Gepro/Cefope
Regina Maria Graça de Farias (Técnica pedagógica - Cefope/Geped)

Edição e Revisão

Carolina Laura de Almeida (Técnica pedagógica Cefope/Geped)

Gerência de Educação Antirracista, do Campo, Indígena e Quilombola – Geaciq

Aline de Freitas Dias (Gerente)
Kelly Cristina Soares Lima (Coordenadora da Ceafro)

Professores conteudistas:

Ana Paula Azevedo Moura Careta (Técnica pedagógica – Geaciq)
Juliana Romano (Técnica pedagógica – Geaciq)
Kelly Cristina Soares Lima (Coordenadora da Ceafro)
Monique Santiago de Carvalho (Técnica pedagógica – Geaciq)
Márcia Helena do Nascimento (Técnica pedagógica – Geaciq)
Luanne Lima Ferreira (Técnica pedagógica – Geaciq)

Revisão textual:

Jorge Vinícius Monteiro Vianna (Técnico pedagógica – Geaciq)
Márcia Helena do Nascimento (Técnica pedagógica – Geaciq)

